

UMA NOVA VISÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO MULTIDISCIPLINAR A NEW VISION OF LEARNING IN THE MULTIDISCIPLINARY CONTEXT

Erica Fernandes da Silva 

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA. Pós-Graduada em Psicologia Perinatal e da Parentalidade pelo Instituto Mater Online.

E-mail:
erica_fernandes_40@hotmail.com

Submetido: 10 dez. 2022.

Aprovado: 17 dez. 2022.

Publicado: 20 dez. 2022.

E-mail para correspondência:

erica_fernandes_40@hotmail.com

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

A aprendizagem com relevância científica passou a ser mais desenvolvida e pesquisada no último século, porém, apenas nas décadas de 1950 e 1970 foi que ganhou maior destaque no ramo científico. Ainda assim, há uma série de controvérsias teóricas, programas e conceitos que estão relacionados a todas as áreas científicas, que buscam entender o processo da aprendizagem, o aprender ⁽¹⁾. O termo aprendizagem é utilizado diariamente sem pontuar sua definição, sendo que, podemos ver várias definições envolvendo diversos aspectos, no qual a aprendizagem é a aquisição de conhecimento e especialização. Acredita-se que algumas dificuldades de aprendizagem estejam ligadas a algum atraso na linguagem e essas dificuldades de linguagem são alterações no desenvolvimento da expressão e recepção verbal ou escrita ⁽²⁾.

A definição imposta pelo NJCLD (*National Joint Committee on Learning Disabilities*) está relacionada com as dificuldades de aprendizagem de caráter pedagógico. Porém, o termo “Learning Disabilities”, foi traduzido no Brasil como distúrbios de aprendizagem, ainda que a tradução correta seja “incapacidades de aprendizagem” ⁽³⁾.

Entretanto, na tentativa de apontar a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem, alguns equívocos são notórios na literatura. Por algumas vezes o termo distúrbios de aprendizagem pode ser relacionado como dificuldade de aprendizagem, problema de aprendizagem e dificuldade escolar. Mas tal acontecimento se deve ao fato da tradução errônea do termo “Learning Disabilities” ⁽³⁾. Ainda que haja confusão da definição de tais termos devido à má tradução e interpretação, cada vez mais pesquisadores afirmam que dificuldades de aprendizagem não estão ligadas a questões de caráter orgânico, ao contrário disso, os distúrbios estão fortemente ligados a problemas sociais ⁽²⁻³⁾.

Dessa maneira, pode haver alguns alunos com dificuldades de aprendizagem situacionais, ou seja, na aprendizagem escolar; problemas de interação; problemas emocionais; ou várias dessas situações ao mesmo tempo. Para alguns teóricos, não se pode confundir dificuldades de aprendizagem com distúrbios de aprendizagem, pois, esse último está relacionado a problemas de causa neurológica, como perdas físicas, sensoriais emocionais e intelectuais, ao passo que, dificuldades de aprendizagem podem vir a se manifestar em crianças que não apresentam nenhuma dessas características citadas, mas que são acometidas de atraso escolar, em alguma época da vida ⁽²⁻³⁾.

Objetivos

Realizar o levantamento bibliográfico sobre os principais distúrbios de aprendizagem e a importância da equipe multidisciplinar no processo de diagnóstico e tratamento e abordar o papel do psicólogo dentro das escolas e as possibilidades de atuação dentro das diferentes metodologias aplicadas aos processos de aprendizagem, bem como, os princípios e pressupostos que fundamentam essas principais correntes da psicologia aplicadas à educação em interface da aprendizagem.

Metodologia

Para a realização do presente estudo, as bases de dados utilizadas foram de sites de cunho científico, sendo: Google Acadêmico, Revistas, Redalyc, SciELO. Para o rastreamento desta revisão bibliográfica foram utilizados apenas materiais relevantes ao assunto. Os materiais eletrônicos foram encontrados com datas de publicações entre os anos 1993 a 2015, perfazendo um total de 15 referências para a elaboração do estudo.

Resultados e Discussões

Segundo Smith e Strick ⁽⁴⁾, a dificuldade de aprendizagem podem ser/estar dividida em tipos gerais, com uma frequência em combinações, nas quais podem ser visto crianças extremamente inteligentes e outras crianças com dificuldades de aprendizagem, isto é, com um baixo desempenho inesperado. As autoras afirmam que os prejuízos neurológicos podem afetar qualquer área do funcionamento cerebral, as deficiências que mais tendem a causar

problemas aos alunos dentro das escolas, são aquelas que afetam a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade para focalizar a atenção, ainda que inúmeras crianças sofram por tentar lutar contra essa hiperatividade muitos se sentem frustrados e desanimados, podendo desenvolver problemas emocionais, questionando sua inteligência e começam a pensar que não podem ser ajudados ⁽⁴⁾.

Conforme apontam as autoras supracitadas ⁽⁴⁾, é que na prática atual:

O termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes doméstico e escolar.

Assim, Schirmer ⁽²⁾ caracteriza que as causas de alterações na linguagem e aprendizagem não estão ao certo definidas, pois podem ser várias, ainda que existem estudos indicando possíveis fatores neurológicos envolvidos nas causas desses problemas, os principais distúrbios de aprendizagem, estão relacionados a causas neurológicas, podemos citar a discalculia, a disgrafia, a hiperatividade, o déficit de atenção e o autismo.

Silva ⁽⁵⁾, argumenta que a discalculia trata-se de uma dificuldade da criança de aprender o cálculo básico, sendo que a mesma pode ter um bom desempenho em outras disciplinas que não envolvam cálculos. Seria um distúrbio que dificulta a criança de aprender as noções numéricas, compreender os mecanismos da numeração, as operações mais simples como adição, divisão, subtração entre outras. Esse distúrbio se diz respeito somente à integração e utilização dos símbolos numéricos.

A discalculia segundo a APA (DSM-V) ⁽⁶⁾, é medida através de provas normalizadas de cálculo, realizadas individualmente, relevando uma capacidade abaixo do nível esperado, decorrente da idade cronológica do indivíduo, quociente de inteligência e escolaridade própria para sua idade, ou seja, a criança portadora desse distúrbio apresenta maus resultados em cálculo, principalmente a partir da escola primária, mas isso não significa que ela não possa aprender outras disciplinas.

Silva ⁽⁵⁾ afirma que a causa de tal distúrbio ainda não é perfeitamente conhecida, mas cita que, a discalculia pode ser encontrada em crianças com uma lesão cerebral sensorial ou

intelectual, doentes motores cerebrais e surdos. Também pode ser encontrada em crianças que tiveram grandes problemas afetivos anteriormente a idade escolar.

Para que os problemas com a discalculia sejam minimizados, Silva e Santos ⁽⁷⁾ citam que podem ser realizadas atividades como a realização de exercícios que possam estimular a curiosidade de investigar, procurar saber algo, estimular o raciocínio, estimular a evocação verbal para fazer com que a criança adquira a noção de números e operações, realizando alguns desses estímulos constantemente que foram citados. Contudo, o professor não deve descartar a importância de se trabalhar com uma equipe multidisciplinar nesses casos, para ajudar no desempenho do aluno. Contando principalmente com a presença de um psicopedagogo na equipe para trabalhar e desenvolver a autoestima do aluno, valorizando e visando as atividades desenvolvidas pela criança e descobrir qual o melhor processo de aprendizagem do mesmo, bem como, os instrumentos que podem fazer toda a diferença no desenvolvimento e podem também auxiliar no processo de aprendizagem ⁽⁷⁾.

A disgrafia é também um dos principais distúrbios de aprendizagem, e se caracteriza pela incapacidade da criança de produzir uma escrita culturalmente aceitável, apesar do mesmo possuir um nível intelectual adequado ou até mesmo acima da média, receber devida instrução e estar inserido no mesmo processo de prática da escrita na escola ⁽⁸⁾. Desse modo, para caracterizar uma criança com a disgrafia deve-se levar em conta a idade cronológica da mesma, o seu coeficiente e inteligência e o nível de escolaridade próprio para a sua idade ⁽⁵⁾. Caso a criança apresente dificuldade somente nessa questão, deve-se considerar a possibilidade de haver um distúrbio de aprendizagem.

Quanto a classificação, considera-se que a disgrafia pode ser secundária à lesão ou disfunção no sistema nervoso central. A lesão pode resultar em perdas de habilidades adquiridas anteriormente (disgrafia adquirida), já a disfunção resulta no desenvolvimento atípico da habilidade de escrever (disgrafia do desenvolvimento) ⁽⁸⁾.

Em relação às características clínicas da disgrafia, podem ser consideradas comuns: dificuldades para escrever, escrita marcada por mistura de letras (maiúsculas e minúsculas e/ou letras bastão com letras cursivas), traçado ininteligível, traçado incompleto, dificuldades para realizar cópias e falta de respeito à margem do caderno ⁽⁸⁾. Do ponto de vista de alguns autores, ficou indubitável que as causas da disgrafia podem ser a aprendizagem prematura, as carências educativas, as perturbações da motricidade como tremores, contrações e paralisias.

É indispensável a utilização de técnicas especializadas que permitam a recuperação de uma motricidade adaptada (supressão da rigidez ao nível da mão e do antebraço). O diagnóstico da disgrafia pode ser concebido já nos primeiros anos relacionados à alfabetização. A partir dos 3 anos ou 4 anos de vida se torna possível perceber algumas características através da observação no traçado da criança, se ela coloca muita força no lápis ou outras considerações ⁽⁹⁾. Em resumo, esse distúrbio pode ser corrigido através de aplicações de instrumentos pedagógicos adequados à cada situação, mas deve-se respeitar a individualidade de desenvolvimento do aluno, não se deve impor nenhum modelo caligráfico, mas sim, respeitar o grafismo pessoal da criança, desde que seja claro, legível e fácil ⁽¹⁰⁾.

Adentrando no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Santos e Dória ⁽¹¹⁾ pontuam que:

O nome TDAH surgiu pela primeira vez em 1980, quando o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais, descreve que a dificuldade de se concentrar e manter a atenção era o ponto central desse transtorno. Contudo, em 1987, o Transtorno de Déficit de Atenção foi renomeado para TDAH, onde se procurou resgatar a ênfase na hiperatividade e na impulsividade, sintomas que haviam sido excessivamente diminuídos.

Em resumo, Capellini ⁽¹²⁾ entende que esse distúrbio é considerado neuropsiquiátrico mais comum na infância e está incluído entre as doenças crônicas mais prevalentes nas escolas tendo uma estimativa de 3% a 6% das crianças com idade escolar que apresentam TDAH. No entanto, o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é uma perturbação do neurodesenvolvimento caracterizada por desatenção, hiperatividade e impulsividade. Aparece geralmente na infância e que na maioria dos casos acompanha o indivíduo por toda a vida. O tratamento é bastante eficaz, envolvendo uso de medicação na maioria dos casos ⁽¹³⁾.

Desta forma, os critérios de diagnósticos requerem que os sintomas comecem a manifestar antes dos doze anos de idade, que estejam presentes durante mais de seis meses e que causem problemas em pelo menos dois cenários diferentes, como na escola e em casa. Em crianças, a desatenção é muitas vezes a causa de maus resultados escolares, a tríade sintomatológica clássica da síndrome é caracterizada pela Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade, mesmo com grandes estudos avançados e vários diagnósticos as causas ainda soam desconhecidas ⁽¹³⁻¹⁴⁾.

Com base no DSM-V ⁽⁶⁾, o TDAH pode ser classificado entre os transtornos do neurodesenvolvimento, que são caracterizados por dificuldades no desenvolvimento que se manifestam precocemente e influenciam o funcionamento pessoal, social, acadêmico ou pessoal de cada indivíduo desde criança até o adolescente. Fundamentado nos critérios do DSM-V e CID-10, quando diagnosticada a doença pode afetar numa estimativa entre 5% e 7%, e correlacionando pelos critérios da CID-10 pode afetar entre 1% e 2% dessas crianças (6-15).

Santos e Dória ⁽¹¹⁾ alegam que o TDAH não tem cura, mas tem tratamento, esse processo envolve um trabalho conjunto entre família e outros profissionais como o professor que atua em sala de aula, com a criança, o psicopedagogo, psicólogo e em alguns casos psiquiatra, daí a necessidade de alguns casos isolados serem tratados com medicações, e o uso de materiais didáticos adequados e métodos aplicados por profissionais preparados para lidar com a situações de extrema importância.

Conclusão

Considerando o estudo da psicologia na educação, sua história e estrutura do saber dentro do contexto escolar é perceptível que, a atuação do psicólogo escolar é proporcionar aquele ambiente, uma dinâmica objetiva e subjetiva ao qual possa possibilitar uma inclusão dentro das práticas escolares. Aproximar a família, à escola e esclarecer juntamente com os pais e alunos, a concepção e a relação sobre as dificuldade de aprendizagem, quais as dúvidas que cada indivíduo tem, e quais são as diferentes formas de expressão de cada aluno.

A escola juntamente com pais e a equipe multidisciplinar pode elaborar uma grandiosa dinâmica entre turmas de salas, para uma roda de vivência e experiência na qual podem se unir e desenvolver um programa de educação que possa promover a saúde de cada aluno com transtorno de aprendizagem. Dessa forma, os profissionais da equipe multidisciplinar atuarão de forma efetiva, visando uma compreensão melhor dos pais, da escola e também para os alunos com dificuldades de aprendizagem.

Antes de qualquer tipo de discussão, vale lembrar que as pessoas com déficits de atenção ou outros distúrbios de aprendizagem, se diferem das que não possuem deficiência pelas limitações físicas, psíquicas e motoras. Por outro lado, o desenvolvimento pode ser melhorada com desenvolvimento afetivo e favorecer a capacidade de cada um se relacionar, entretanto melhorando sua adequação na sociedade.

Palavras-chave: Psicologia; Dificuldades de Aprendizagem; Equipe Multidisciplinar; Diagnóstico; Educação.

Referências

1. Ciasca SM. Distúrbios de aprendizagem: Proposta de avaliação interdisciplinar. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
2. Schirmer CR, et al. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria*, 2004;80(2).
3. Mano AMP, Marchello AMS. Dificuldades e distúrbios de aprendizagem na concepção de professores de séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Científica Eletrônica da Pedagogia*, 2015.
4. Smith C, Strick L. Dificuldades de Aprendizagem de A-Z: um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed; 2007.
5. Silva WC da. Discalculia: uma abordagem à luz da educação matemática. Monografia. São Paulo: Universidade de Garulhos. Guarulhos; 2008.
6. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V). Porto Alegre: Artmed; 2002.
7. Silva PA, Santos, FH dos. Discalculia do Desenvolvimento: avaliação da representação numérica pela ZAREKI-R. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 2011;27(2):169-177.
8. Rodrigues S das D, et al. Relação entre indícios de disgrafia funcional e desempenho acadêmico. *Revista CEFAC*, São Paulo, [s.d]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2008nahead/129-07.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022
9. Almeida M, et al. Manual para o Tratamento de Disgrafia, Disortografia e Troca de Letras. São Paulo: Biblioteca 24 horas; 2010 [Acesso em 03 abr. 2022]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mJoyMX-3uyMC&oi=fnd&pg=PA7&dq=tratamento+disgrafia&ots=u9HbDK9I64&sig=skBdanNseSnoFTMma3xST9I N0Y4 #v=onepage&q=tratamento%20disgrafia&f=false>.
10. Ferreira MDA. Problemas de Aprendizagem, conceitos, sintomas e tratamento. Monografia. Paraíba: Universidade Estadual da Bahia; 2014.
11. Santos LBCP, Dória AR. Dificuldades de aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas. Sergipe: [s.e]; 2012.
12. Capellini SA et al. Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. *Rev. Soc.*



Bras. Fonoaudiologia, 2007 [Acesso em 30 mar. 2022]. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/26903/1/S1516-80342007000200008.pdf>.

13. Rohde LA, Halpern R. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização. *Jornal de Pediatria*, 2004;80(2).

14. Rohde LA, et al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2000;22.

15. Organização Mundial da Saúde. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.